

Turismo na “escaldante” Grécia

Turistas recebem ameaças da nova vaga de grupos extremistas gregos

O turismo helénico atravessa uma grave crise, com ameaças de grupos terroristas a cidadãos que visitem o país para fazer férias. A greve dos camionistas ajudou a piorar o cenário

BRUNO SIMÕES

Não podia haver pior cartão de visita para um país que vende sonhos de Verão polvilhados de altas temperaturas e praias paradisíacas. Na Grécia, o grupo terrorista “Seita dos Revolucionários” veio avisar os turistas de que o país já não é mais um “refúgio seguro” para o capitalismo. “Queremos transformá-lo [ao país] numa zona de guerra”, ameaçou o grupo, num CD que fez chegar ao diário “Ta Nea”.

As ameaças podiam ser apenas isso mesmo: ameaças. Porém, o grupo já reivindicou o assassinio do jornalista de investigação Sokratis Giolias. O repórter foi atraído à porta de casa e atingido por 15 balas no passado dia 19 de Julho. Em Junho do ano passado, o grupo extremista também assumiu ser responsável pela morte de um polícia da brigada antiterrorismo.

Um outro grupo, ainda sem nome, enviou no mês passado, pelo correio, uma bomba que matou o chefe de gabinete do ministro que tutela a segurança pública, Michalis Chrysohoidis. Desde meados de 2009, já morreram seis pessoas em diferentes ataques, estimando-se que estejam no activo, actualmente, três grupos extremistas distintos.

As autoridades gregas estão, pois, a levar a sério os avisos. No CD pontificava ainda uma foto demonstrativa do arsenal da “seita”: várias espingardas AK-47, pistolas semi-automáticas e soqueiras. O grupo pretende fazer as manchetes dos jornais através de “fogo posto, sabotagem, bombas e assassinatos”, para provar ao estrangeiro que o país “não é destino para férias e prazer”.

A “Seita dos Revolucionários” tem apenas ano e meio, mas nasceu numa época particularmente volátil. Após o assassinio de Alexos Grigoropoulos, de 15 anos, várias cidades gregas assistiram a uma escalada de violência sem paralelo. Grupos de manifestantes destruíram edifícios públicos e automó-

veis e semearam o caos nas ruas, em protesto com a acção da polícia. Dessa fôrçada de ódio nasceu a “Seita dos Revolucionários”, cujos membros, segundo o “Observer”, terão idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos.

Greves são o ingrediente final

A caldeirada de dores de cabeça para o governo grego há ainda que somar os efeitos ruinosos das greves que têm afectado o país, em protesto com o plano de austeridade assumido por George Papandreou. A mais recente, a dos camionistas, só foi desconvocada no passado domingo, após seis dias de paralisação que puseram em risco o abastecimento de combustíveis e de outros bens.

O rastilho acendeu-se com a intenção do governo de liberalizar o sector dos transportes rodoviários de mercadorias, uma das condições impostas pela União Europeia e pelo Fundo Monetário Internacional no empréstimo de 750 mil milhões de euros à Grécia. Porém, este é um dos sectores mais fechados no país: há quase 40 anos que não são emitidas novas licenças para adquirir e trabalhar com camiões, e as que existem são negociadas entre os camionistas por valores que chegam a atingir os 300 mil euros.

A factura da greve foi, novamente, passada ao sector do turismo. Para além de terem sido canceladas reservas em massa em vários hotéis gregos, o “Guardian” relata que em Chalkidiki, no Norte do país, e na ilha de Creta alguns turistas, com carros alugados, largaram as viaturas na beira da estrada assim que elas ficaram sem combustível.

As greves não são, porém, uma novidade para os helénicos. Na semana passada, os controladores aéreos gregos pararam, causando atrasos consideráveis em vários voos no país (ver pág. 5). Em Maio último, uma greve geral paralisou os transportes e os serviços públicos. Desde que o plano de austeridade foi aprovado, o país é frequentemente assolado por greves nos mais variados sectores.

As nossas armas estão cheias e prontas a falar. Estamos em guerra com a vossa democracia.

SEITA DOS REVOLUCIONÁRIOS

Comunicado enviado à imprensa

A crise económica teve influência no agravar da violência.

MICHALIS CHRYSOHOIDIS

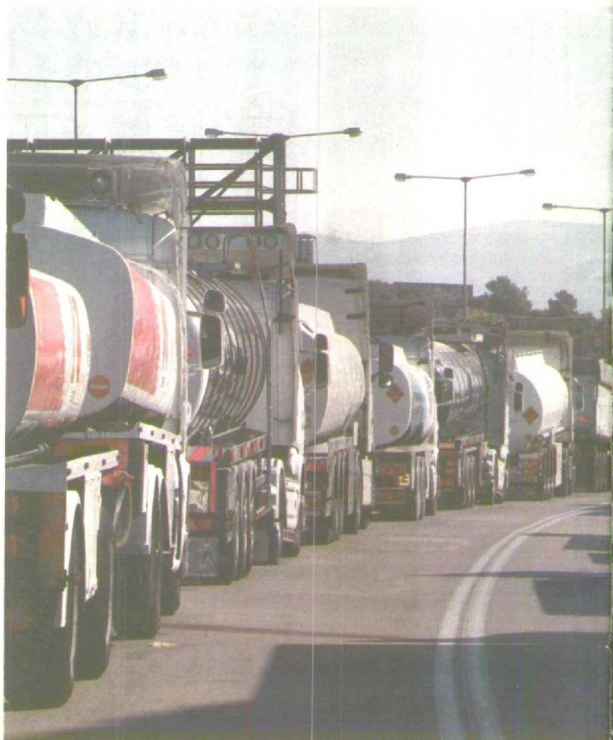
Ministro para a Protecção dos Cidadãos, ao “Guardian”

Os camionistas deixaram a greve assim que o governo ameaçou suspender as suas licenças “milionárias”.

FOCOS DE TENSÃO

O sentimento de revolta social teve como raiz os confrontos estudantis que resultaram, há quase dois anos, na morte de um jovem. A implementação do recente plano de austeridade pelo governo grego ampliou os protestos.

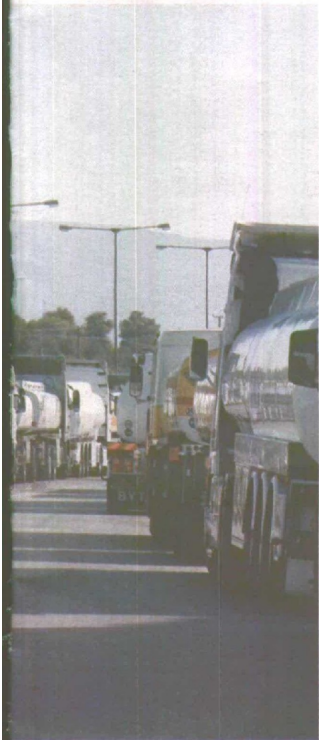
Seis dias de greve | Os camionistas gregos “pararam” o país, penalizando as importações/exportações ou o turismo, forçando o governo a chamar o exército.



Camionistas contra governo | Um grupo reduzido de camionistas levou o protesto ao Ministério dos Transportes, protegido pela polícia.



Quinta greve do ano | No final do passado mês de Junho, os gregos voltaram às greves nacionais e aos confrontos com a polícia.



Protestos estudantis | No passado mês de Maio, os estudantes gregos regressaram aos protestos violentos, entre greves nacionais para contestar as medidas de austeridade impostas pelo governo, sob pressão de Bruxelas.



Gasolina na Macedónia | O protesto dos camionistas levou milhares de gregos a abastecerem-se no país vizinho.